

## **METRÓPOLE E NECRÓPOLE: CIDADE DOS VIVOS E CIDADE DOS MORTOS. HÁ CONEXÃO?**

Fernando Silveira Leão<sup>33</sup>  
Prof<sup>a</sup>. Eunice de Oliveira Rios<sup>34</sup>

### **RESUMO:**

Dentre as formas construídas pelo homem, em sua luta pela sobrevivência e segurança, destaca-se a cidade. Nela materializam-se as relações históricas dos homens, permeada por ideologias. A cidade é fruto das ações econômicas, sociais e culturais de determinado tempo e contexto. Uma cidade é reconhecida através de sua paisagem que sofre transformações e/ou atualizações, mediante os usos e apropriações de seu espaço, originando paisagens urbanas distintas, repletas de significados e contradições. Uma sociedade hierarquizada condiciona o processo espacial, através do uso diferenciado desse espaço, gerando a desigualdade espacial, produto da desigualdade social. A percepção das diferenças temporais, sociais e culturais, presentes na cidade dos vivos, remete a reflexão sobre a cidade dos mortos. Existe uma relação estreita entre a metrópole e a necrópole? As contradições sociais, presentes na paisagem urbana, se repetem na paisagem cemiterial? Estudos revelam que sim, pois os cemitérios, assim, como as cidades são construções humanas, com objetivos determinados. Os primeiros destinam-se a ocultação dos mortos e os segundos refletem os espaços da vida realizada em sociedade, caracterizada pela diversidade cultural, econômica, étnica e histórica, gerando espaços geográficos dinâmicos, diversificados e antagônicos. Tais contradições são também visíveis na paisagem das necrópoles. Elas reproduzem, num espaço físico reduzido, a situação das metrópoles, mesmo que alguns digam que a morte “igual” as pessoas no “descanso eterno”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metrópole. Necrópole. Paisagem urbana. Sociedade.

### **1. Considerações Iniciais:**

Dentre as formas construídas pelo homem, em sua luta pela sobrevivência e segurança, destaca-se a cidade “produto do processo de trabalho, de sua divisão técnica” e social. Nela materializam-se as “relações da história dos homens, normatizada por ideologias”.

A cidade é considerada como “forma de pensar, sentir, consumir, é modo de vida, de uma vida contraditória” gerando “ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer” e cultura<sup>35</sup>. Ela é fruto das ações de “agentes econômicos, sociais e culturais” que a construíram, num determinado “tempo e contexto”.

---

<sup>33</sup> Discente do curso de Geografia/UnCSEH/UEG – E-mail: leao\_parma@live.com

<sup>34</sup> Docente do Departamento de Geografia da UEG-UnCSEH, Anápolis-GO, Brasil – Email: eunicer@uol.com.br

<sup>35</sup> CARLOS, 1994, p. 26.

Uma cidade é reconhecida ou caracterizada através de sua paisagem que sofre transformações e/ou atualizações, mediante os usos e apropriações de seu espaço. Nesse processo surgem paisagens urbanas distintas, repletas de significados e contradições<sup>36</sup>.

Uma sociedade hierarquizada, dividida em classes condiciona o processo espacial, através do uso diferenciado desse espaço, construído e reproduzido de forma “desigual e contraditória, ou seja, a “desigualdade espacial é produto da desigualdade social”<sup>37</sup>.

A necessidade de “produzir, consumir, habitar ou viver” condicionam a ocupação de determinado lugar no espaço urbano<sup>38</sup> e, por extensão, também, o ato de morrer.

A paisagem urbana é composta por elementos de diferentes tempos, “refletindo a história dos grupos sociais, que sucessivamente geraram esse espaço”, permitindo a leitura e a compreensão de suas diferentes formas<sup>39</sup>.

A percepção das diferenças temporais, sociais e culturais, presentes na cidade dos vivos, remete à reflexão sobre a cidade dos mortos. Existe uma relação estreita entre a metrópole e a necrópole? Diversos estudiosos afirmam que sim.

As contradições sociais, presentes na paisagem urbana, se repetem na paisagem cemiterial? Estudos revelam que sim, pois os cemitérios, assim, como as cidades são construções humanas, com objetivos determinados. Os primeiros destinam-se à ocultação dos mortos e os segundos refletem os espaços da vida realizada em sociedade.

Esta por sua vez, caracteriza-se pela diversidade cultural, econômica, étnica e histórica, gerando espaços geográficos dinâmicos, diversificados e antagônicos, resultantes das lutas de classes, cujas origens remetem às “relações sociais contraditórias”, fruto do “jogo político das forças sociais”. Nesse contexto o espaço urbano pode ser considerado “como obra histórica que se produz continuamente, a partir das contradições inerentes à sociedade”<sup>40</sup>.

Tais contradições são também visíveis na paisagem das necrópoles? Elas reproduzem, num espaço físico reduzido, a situação das metrópoles, mesmo que alguns digam que a morte “igual” as pessoas no “descanso eterno”? Que elementos poderão responder a tais indagações? Manifestações

---

<sup>36</sup> LANDIM, 2004, p. 32,

<sup>37</sup> CARLOS, 1994, p. 23.

<sup>38</sup> Ibidem, p. 45.

<sup>39</sup> LANDIM, 2004, P. 37.

<sup>40</sup> CARLOS, 1994, p. 7.

culturais, dentre elas, as religiosas, são visíveis na cidade dos mortos, assim como na cidade dos vivos? Esses questionamentos são potencializados ao se visualizar a paisagem do cemitério “São Miguel”, em Anápolis, Goiás.

## **2. O homem: Espaço Urbano e Cemiterial:**

O homem na busca pela sobrevivência produziu a história, o conhecimento, o processo de humanização e o espaço, entendido como a “relação social que se materializa formalmente em algo passível de ser apreendido, entendido e aprofundado.” (CARLOS, 1994, p. 28).

A cidade se configura como uma construção humana, como um produto social, expressa nas formas de ocupação – o uso do solo urbano. Este, relacionado ao “processo de produção das relações capitalistas”, determina o modo de ocupação de um lugar, no contexto da cidade.

Os diferentes usos do solo urbano demonstram a especialização “da divisão técnica e social do trabalho” em um momento histórico específico. Nesse processo observa-se a disputa entre os diferentes segmentos sociais, originando conflitos entre “indivíduos e usos” e determinando a sua forma de ocupação.

Ao retratar a dinâmica do espaço urbano a história apresenta uma “dimensão espacial que emerge no cotidiano das pessoas através do modo de vida urbano” (CARLOS, 1994, p.45-47).

A paisagem urbana composta por edificações, por espaços, livres, por arruamentos e outras configurações, pode ser entendida como o “resultado da experimentação de espaços construídos pelo homem”. Ela revela os diversos momentos históricos, refletindo a ação de “grupos sociais que sucessivamente geraram” esses espaços. (LANDIN, 2004, p.35).

Assim a cidade e a paisagem urbana permite o entendimento sobre o “urbano, a sociedade e a dimensão social e histórica do espaço urbano.” (CARLOS, 1994, P.23).

Cemitério, Necrópole ou Sepulcrário é o lugar onde são sepultados os cadáveres. Historicamente ele precedeu à “cidade dos vivos”. Na pré-história os mortos eram deixados em lugares fixos, como cavernas e grutas, enquanto os vivos (nômades) se movimentavam em busca de alimentos.

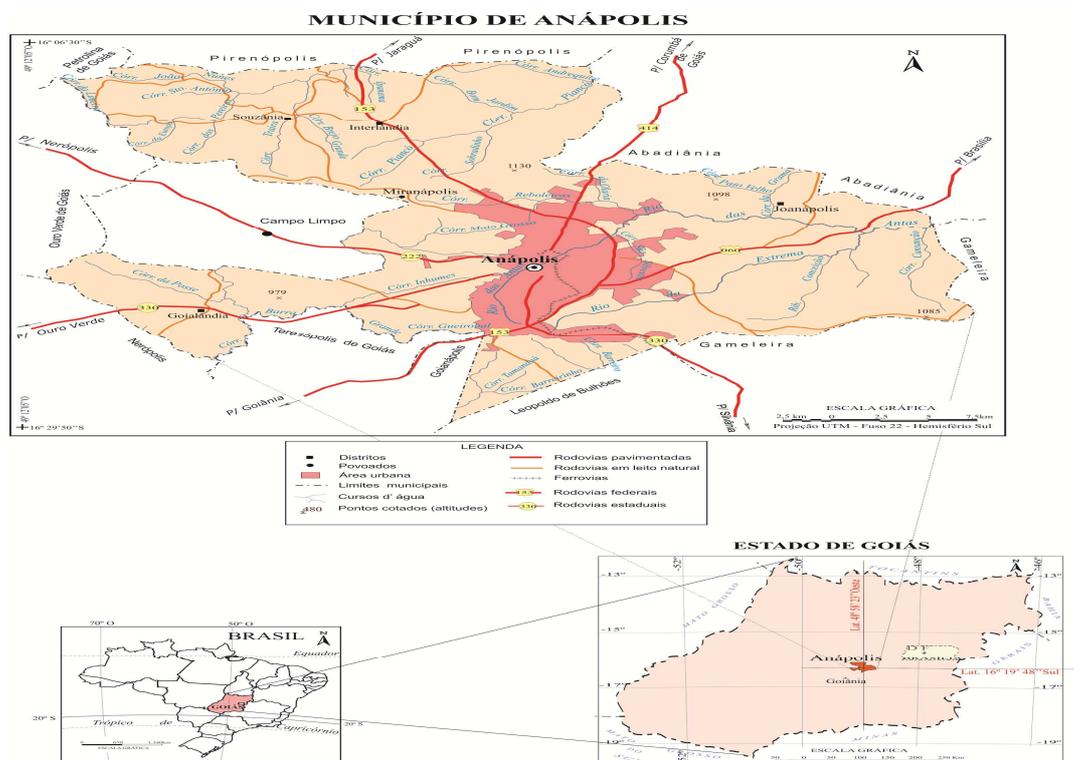
Ao longo dos tempos os mortos tiveram diversos destinos. Na atualidade, a maioria dos cemitérios segue dois modelos: o tradicional – a origem europeia – e o jardim e ou parque – a origem estadunidense. (REZENDE, 2007, p.12).

A metrópole, viva, com sua estrutura sócio espacial, cria o espaço dos mortos - a Necrópole, que reflete em sua paisagem ecemiterial a dinâmica da sociedade que a construiu.

### 3. A cidade de Anápolis, o Catolicismo, o Protestantismo e o cemitério “São Miguel” – breve histórico:

Anápolis é um município situado no estado de Goiás, sendo o terceiro município mais populoso e o mais rico e desenvolvido do interior do Centro-Oeste, possui segundo estimativas do Censo do IBGE no ano 2010, 334.613 habitantes, em uma área total de 933.156 km<sup>2</sup> e um PIB de 8.109.760<sup>41</sup>.

O eixo Goiânia-Anápolis-Brasília é, na atualidade, a região mais desenvolvida da região Centro-Oeste do Brasil e o quarto maior eixo do país, com uma população total de 5.205.465 habitantes por km<sup>2</sup>.



Fonte: Adaptado de MORAES, L. B. Atlas escolar municipal de Anápolis. Relatório final de pesquisa, 2008. (Mimeog)

<sup>41</sup> Segundo dados da SEGPLAN-GO (2009).

Anápolis tem sua origem marcada pelo encontro de viajantes em uma fazenda que, segundo a tradição, dona Ana das Dores, natural de Jaraguá ao passar pela região perdeu um animal que carregava a imagem de Santa Ana, após algumas buscas o animal fora encontrado e seguiram diversas tentativas inúteis dos tropeiros em retirá-la de uma canastra que o animal carregara, a senhora perante o ocorrido interpretou como o desejo da santa em fixar-se naquele local, o nome da cidade significa “Cidade de Ana”. Porém, segundo Polonial (1995) além da crença e tradição a qual a fundação do povoado está ligada, há também razões pelas quais se explicada a sua fundação, a saber: as condições geográficas, a vocação comercial e o fervor religioso.

A primeira igreja da cidade foi construída por Gomes de Souza Ramos, filho de dona Ana das Dores. No dia 25 de abril de 1870 conseguiu a doação de uma parcela de terra feita pelos moradores. Em 1871, a Capela de Santana das Antas, hoje conhecida como Catedral de Santana era construída.

A população cresceu rapidamente e a capela não conseguia acomodar tal demanda de pessoas, conseqüentemente uma ampliação tornara-se necessária. Diante do fato, foi então requerido, junto ao presidente da Província de Goiás, recursos para tal ampliação, e ao dia 6 de agosto de 1875 a capela se tornaria Paróquia de Sant’ana.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Anápolis, 2012.

O povoado de Sant’ana fundado por Gomes de Souza Ramos tornou-se freguesia em 06 de Agosto de 1873. Quando a capela alcançou o *status* de paróquia, em 15 de Dezembro de 1892 tornou-se vila. Segundo Ferreira (1907) devido ao desenvolvimento comercial e ao aumento significativo da população, finalmente na data de 31 de Julho de 1907 a Vila de Sant’ana foi elevada à condição de cidade - Anápolis.

Outra grande celebração que ganhou força na primeira década do século XX em Anápolis foi à do Senhor Bom Jesus da Lapa, a construção de sua capela se deu em 1914 e, A atual catedral teve sua construção iniciada em 1933, sendo finalizada somente em meados da década de 50.

Do exposto percebe-se que a religiosidade sempre esteve presente na história de Anápolis, sendo que, até 1920 o catolicismo tradicional era predominante.

O protestantismo chega a Anápolis pela antiga Cidade de Santa Luzia (atual Luziânia), através do senhor Jarbas Jayme, filho de notório fazendeiro da região de Jaraguá-GO.

Jarbas Jayme, estudioso da gramática, chegou ao protestantismo através do Dr. Eduardo Carlos Pereira, autor da gramática, que ao atendê-lo sobre suas dúvidas acabou lhe pregando o evangelho.

Dr. James Fanstone, filho do missionário de mesmo nome que anos antes havia pastoreado em Pernambuco, chegou a Anápolis, com sua esposa, Dayse Fanstone, em 1925. Inicialmente o interesse dos missionários protestantes ingleses no Brasil se consistia na venda de Bíblias, o primeiro missionário a pisar em solo brasileiro foi Ashbel Green Simonton, em 12 de Agosto de 1859.

A região para os missionários era promissora, porém, eles acreditavam que uma educação, fundamentada em suas ideologias e doutrinas, era essencial para o êxito de sua missão, cria-se então o colégio Couto Magalhães.

O “protestantismo acompanhou o desenvolvimento econômico nas regiões onde foi implantado... ser protestante em muitos momentos significou progresso de idéias, progresso econômico, esperança de futuro melhor.”<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> BONOME, 2006, p. 26

Residente em Anápolis a professora Alice Magalhães decidiu alfabetizar as crianças em sua própria casa, esta escola visava em sua maioria crianças da própria igreja e “aquela Escolinha da Alice Magalhães, transformou-se na semente do Colégio Couto Magalhães.”<sup>43</sup>

O colégio Couto Magalhães foi fundado no ano de 1932, ainda na residência da professora Alice Magalhães, o nome do colégio se deve a uma homenagem ao General José Vieira Couto de Magalhães.

Em 1936 o Dr. James Fanstone assume a direção do colégio. Em 1941 as instalações do colégio foram ampliadas, graças a uma herança de Dayse Fanstone, passando a comportar 338 alunos matriculados para as aulas do referido ano.

A Associação Educativa Evangélica, fundada pelo Reverendo Arthur Wesley Archibald, em 1947, é uma instituição composta por 21 membros pertencentes às Igrejas Batista, Presbiteriana do Brasil, Presbiteriana Independente, Cristã Evangélica e Metodista, mantendo o colégio “Couto Magalhães” e a universidade “Uni-Evangélica”.

E, 1925 o casal James e Dayse Fanstone fixaram residência na Rua Desembargador Jaime. Inicialmente o Dr. James começou a clinicar em sua própria casa e, aos poucos, foi expandindo suas dependências, comprando os lotes vizinhos, nascia assim então o importante Hospital Evangélico Goiano, cuja fundação se deu em 1927.

Inicialmente aos domingos faziam cultos em sua casa, que posteriormente surgindo ali à primeira igreja evangélica de Anápolis.<sup>44</sup> Após a construção do primeiro pavilhão do hospital evangélico de Anápolis eram promovidos em suas instalações cultos pela manhã, o rebanho foi se expandindo exigindo assim uma instalação de maiores proporções. O antigo barracão onde a doutrina presbiteriana começou a ser pregada que outrora pertencia a um carpinteiro, hoje é a central da igreja presbiteriana de Anápolis, sendo a igreja evangélica mais antiga da cidade.

O primeiro corpo clínico era formado por enfermeiras inglesas, hoje o hospital é referência em tratamentos de alta complexidade. Para obter mão de obra especializada fundou a “Escola de Enfermagem Florence Nathingale”, que se tornou a terceira melhor do país.

---

<sup>43</sup> SOBRINHO, 2007.

<sup>44</sup> FERREIRA, 2011, p. 124

Os sepultamentos em Santana das antas eram feitos, indiscriminadamente, no largo da igreja. Os cadáveres eram trazidos em banguês, lençóis ou colchas em formato de rede, suspenso por uma vara, cujas pontas se apoiavam no ombro dos carregadores e jogados dentro das covas.<sup>45</sup>

Segundo evidencia o recorte do mapa exposto, os enterros eram feitos ao redor da igreja visto que a população se abrangia aos entornos a construção de um cemitério era eminente e em 1882 Angelo José de Sousa construiu e doou um cemitério a igreja, este cemitério localizava-se distante das moradias.



Fonte: LEÃO, 2012. Acervo do Museu Histórico de Anápolis.

Este mapa foi feito a mão por Paulino Horácio Barbosa, e foi doado ao museu histórico de Anápolis pelos filhos de Ruth Velasco Jaime sobrinha de Ana Batista esposa do autor.

Quando houve missões em Santana de antas, José Crispim de Sousa fabricou, no largo da igreja, uma cruz de aroeira, sendo a mesma conduzida, nos ombros dos fiéis, em procissão, até a frente do cemitério, sendo ali cravada, justamente no cruzamento das atuais avenidas Xavier de

<sup>45</sup> FERREIRA, 2011, p. 23

Almeida e Rua Aquiles de Pina. Tal cruz se encontra hoje próxima ao cemitério São Miguel e é a mais antiga relíquia histórica de Anápolis.<sup>46</sup>

Ao ano de 1926 o cemitério São Miguel estava pronto, acredita-se que a partir desta data o cemitério construído no terreno onde atualmente localiza-se a Praça Americano do Brasil fora desativado, ainda com a chegada dos trilhos para a estrada de ferro não seria de bom tom que ali continuasse a permanecer.

Do cemitério São Miguel tem-se ainda, poucas informações<sup>47</sup>, sabe-se que ele é resultado da transferência de um antigo cemitério, que se encontrava na região central da cidade, próximo a estação ferroviária. No pensamento da época era inadmissível que num espírito de desenvolvimento, a primeira imagem dos que chegavam à cidade de trem, fosse à paisagem de um cemitério! Segundo Polonial:

Até a transferência do cemitério local para uma região mais ao norte da cidade foi providenciada, já que ele estava localizado na Praça Americano do Brasil, onde seria construída a futura estação ferroviária. Os trilhos traziam esperança, e não tristeza. O cemitério não poderia ficar de frente para o local de chegada da ferrovia, devendo dar lugar ao clima de alegria que dominava a cidade. Como afirma o Annápolis, "O local, outr'ora triste, começa a tomar um aspecto agradável." (J.A. 28.04.35)48.

O Cemitério “São Miguel”, de espaço periférico no passado, transformou-se em espaço intensamente urbanizado na atualidade, como se pode observar na imagem a seguir.

---

<sup>46</sup> FERREIRA, 2011, p. 24

<sup>47</sup> A presente pesquisa encontra-se em andamento, o histórico do cemitério “São Miguel” será ainda composto após uma pesquisa documental, que será realizada em futuro próximo.

<sup>48</sup>[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.ahistoriadeanapolis.com.br/pdf/ferrovia\\_anapolis.pdf](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.ahistoriadeanapolis.com.br/pdf/ferrovia_anapolis.pdf)



Fonte: Google Earth - Cemitério “São Miguel” – Anápolis – Goiás – Brasil.

#### **4. Paisagem Cultural revelando a dinâmica social – Católicos Romanos e “Evangélicos”:**

A paisagem cemiterial, assim como a urbana, revela elementos de diferentes tempos, usos, costumes e tradições, ditados por condicionantes econômicos e culturais.

Espelho da sociedade, o cemitério é o “reflexo e condição da sociedade cuja dimensão social corresponde ao espaço urbano em grande escala, de forma temporal e justaposta” (CARNEIRO, 2011, p. 2).

Arruamentos (organização espacial), edificações (suntuosas ou simples), simbologia diversa e complexa, permitem a leitura da paisagem cemiterial, revelando as ações dos vivos diante da morte.

Os símbolos, enquanto “união entre o significante (objeto) com algo abstrato (ideia)”, ao serem decifrados, revelam valores culturais e reafirmam as relações sociais. Assim, os cemitérios, como “lugares de memórias” vinculadas à vida são repletos de simbolização traduzida nas “representações, individuais e públicas, vinculadas à religiosidade, à familiaridade, aos valores sociais”<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> CARNEIRO, 2011, p. 6

Os cemitérios ostentam uma diversidade de símbolos com várias significações, de acordo com a religião, a especificidade local, o contexto história e a ideologia<sup>50</sup>.

A principal função dos símbolos é “sintetizar o finado e a morte a partir de imagens que representam esses dois, (morto e morte) remetendo à transcendência da alma e existência do falecido”<sup>51</sup>.

O diálogo dos vivos com os mortos torna-se real através dos epitáfios que revelam a tristeza de uma despedida, as saudades pelos que partiram, a fé professada e a biografia do ente querido – “menção àquilo que o morto representou em vida”<sup>52</sup>.

A leitura da paisagem do cemitério São Miguel se deu através da observação de epitáfios e de símbolos que remetessem aos princípios cristãos – católico romano e evangélico<sup>53</sup>.

A metodologia aplicada consistiu na observação de datas (nascimento e óbito), da simbologia e morfologia tumular, estabelecida por Cymbalista, citado por Pizzol<sup>54</sup>.

A adoção da metodologia supracitada justifica-se pelo fato de que “essa morfologia proporciona o conhecimento das convivências, tradições e contradições” existentes no imaginário daqueles que deram forma à paisagem cemiterial, revelando a riqueza e a diversidade culturais da sociedade local<sup>55</sup>.

Da análise dos dados levantados no cemitério São Miguel, percebeu-se que as construções tumulares e a iconografia cemiterial revelam a hegemonia católica, mas também a presença de túmulos de origem evangélica, pela constatação das edificações e da simbologia diferenciadas na paisagem cemiterial, fenômenos que revelam a inserção dos evangélicos na sociedade tradicional de Anápolis – Goiás, como se pode observar nas fotos a seguir.

---

<sup>50</sup> REZENDE, em sua obra “Cemitérios” (2007, p. 66-68) lista os símbolos mais comuns utilizados.

<sup>51</sup> REZENDE, 2007, p. 44.

<sup>52</sup> MUNIZ, 2006, p. 162.

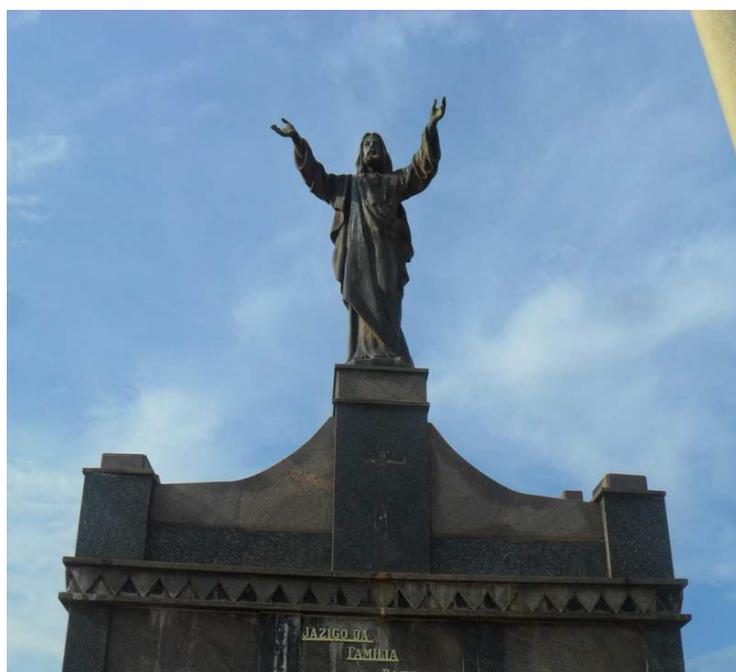
<sup>53</sup> O termo evangélico, neste trabalho, refere-se aos cristãos cujas denominações estão vinculadas à Reforma Protestante, com destaque à Igreja Presbiteriana, Igreja Cristã Evangélica e Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

<sup>54</sup> PIZZOL, 2011, p. 190-197.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 194.



Fonte: LEÃO, 2012.



Fonte: LEÃO, 2012.

Anais do II Simpósio Nacional Espaço, Economia e Políticas Públicas  
“Cidade e Questão Ambiental: velhos desafios, novos paradigmas”  
17 a 19 de Outubro de 2012 – Anápolis – Goiás – Brasil



Fonte: SOUZA, 2012.



Fonte: SOUZA, 2012.

### **Considerações Finais:**

Apesar de a presente pesquisa intitulada “Cemitério ‘São Miguel’ e religião cristã: católicos e evangélicos em Anápolis – Goiás (1870 - 2012)” se encontrar em andamento, podemos vislumbrar resultados que comprovam a importância da observação e análise da simbologia cemiterial, na compreensão da paisagem e da dinâmica histórico espacial de uma determinada sociedade.

Anápolis, uma cidade marcada pela origem católica, com o passar dos anos inseriu novos conceitos religiosos, destes destacou-se o denominado “evangélico”, com a chegada dos missionários presbiterianos ingleses, cuja atuação social e religiosa é visível tanto na paisagem urbana, quanto na cemiterial.

Perante as estruturas funerárias aos quais nos deparamos, visualizamos a historicidade e as simbologias ímpares de cada religião, as formas de representação que nos levaram a perceber quão interessante pode ser a leitura póstuma de indivíduos que outrora foram memoráveis e contribuíram para o crescimento de nosso município.

Em geral é importante ressaltar que as crenças, simbologias e o misticismo engendrado nas estruturas dão um ar de beleza em meio a um território fúnebre e melancólico.

De fato, com o presente trabalho se comprovou as diferenças existentes entre as principais vertentes do cristianismo e suas representações, abordadas no presente trabalho: a religião católica e os reformados, em destaque os presbiterianos.

### **Referências:**

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. São Paulo, Contexto, 1994.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Inventariando a morte: a experiência dos inventários cemiteriais em Santa Catarina (Brasil)**. Disponível em <http://elisianacastro.files.wordpress.com/2009/06/artigo-abec-2011-elisiana-inventariando-a-morte.pdf>. Acesso em 08.08.2012.

CARNEIRO, Maristela. **Como um canteiro de linguagens e identidades, de história e de arte: Cemitério Municipal São José, Ponta Grossa (PR)**. Disponível em

[http://www.pucsp.br/revistacordis/downloads/numero06/como\\_um\\_canteiro\\_lingaugens.pdf](http://www.pucsp.br/revistacordis/downloads/numero06/como_um_canteiro_lingaugens.pdf)  
Acesso em 08.08.2012.

FIGUEIREDO, Olga Maria. **A Perspectiva Geográfica de uma Necrópole**. Disponível em [www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=2405](http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=2405) Acesso em 08.08.2012.

LANDIM, Paula de Cruz. **Desenho de paisagem urbana: as cidades do interior paulista**. São Paulo, Ed. Da UNESP, 2004.

MUNIZ, Paulo Henrique. O estudo da morte e suas representações socioculturais, simbólicas e espaciais. In **Revista Varia Scientia**. v. 06, n. 12, p. 159-169. Disponível em [e-revista.unioeste.br/index.php/variascientia/article/download/.../1239](http://e-revista.unioeste.br/index.php/variascientia/article/download/.../1239). Acesso em 08.08.2012.

PIZZOL, Kátia Maria Santos de Andrade. Reflexões e descobertas na paisagem de cemitérios urbanos: um olhar entre muros em cemitérios de João Pessoa – PB. In **Caminhos de Geografia**. Disponível em [www.caminhosdegeografia.ig.ufu.br/include/getdoc.php?id...](http://www.caminhosdegeografia.ig.ufu.br/include/getdoc.php?id...) . Acesso em 08.08.2012.

POLONIAL, Juscelino. **Anápolis no tempo da ferrovia**. Anápolis, Associação Educativa Evangélica, 1995.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Cemitérios**. São Paulo, Necrópolis, 2007.

RIBEIRO, Gracy Tadeu Ferreira. LEITE, Jairo Alves. A religiosidade anapolina: Uma visão ecumênica. In **Jornal O Centenário**. Ano 2, nº 7, 2006. <http://unievangelica.edu.br/gc/imagens/file/ocentenario/n7ano2.pdf> . Acesso em 18.08.2012.

BONOME, José Roberto. Protestantismo: Ideal de progresso através da saúde e da educação. In **Jornal O Centenário**. Ano 2, nº 7, p. 26, 2006. <http://unievangelica.edu.br/gc/imagens/file/ocentenario/n7ano2.pdf> . Acesso em 18.08.2012.

CHIAROTTI, Tiziano Mamede. Evolução histórica do município de Anápolis. 2007. . [www.ahistoriadeanapolis.com.br](http://www.ahistoriadeanapolis.com.br) Acesso em 18.08.2012.

CARVALHO, Heliel G. Gratidão e aprendizado nos 80 anos do Colégio Couto Magalhães e 65 anos da AEE. In **Capelania Institucional da Associação Educativa Evangélica**. Nº 59, 2012. <http://www.unievangelica.edu.br/files/images//capelania/devocional/059.pdf>. Acesso em 19.08.2012.

IBGE Cidades. [www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php). Acesso em 19.08.2012.

Instituto Mauro Borges. Goiás - Visão Geral. <http://www.imb.go.gov.br/> .Acesso em 19.08.2012.

FERREIRA, Haydée Jayme. Anápolis, sua vida, seu povo / Haydée Jayme Ferreira. 2ª edição. Goiânia: Kelps, 2011. 477pgs.